

Nasci em uma família com tradição musical. Minha mãe era pianista clássica.

Aos cinco anos de idade já ouvia minha mãe tocar piano acompanhando 2 grandes violinistas, o casal Mauro e Lourdes Braga. Ele, na época, Juiz de Direito em Cachoeiro de Itapemirim, às vezes, vinha a Vitória a trabalho e sua esposa, prima irmã de minha mãe, o acompanhava. Foram momentos inesquecíveis.

Aos seis anos percebi que aos domingos na Igreja do Colégio do Carmo, que ficava bem em frente a nossa residência, no centro de Vitória, tinha música com som de violino. Descobri que o violinista era um senhor que falava de modo estranho. Perdi a timidez, me aproximei e pedi para ele me ensinar a tocar violino.

Acho que o impressionei e ele tomou a minha mão e fomos até a minha casa. Esclareceu a minha mãe que só aceitava alunos a partir de 7 anos. Em tempo: esta conversa deve ter sido uma loucura pois ele, sendo uruguaio, falava espanhol e minha mãe, português e um pouco de francês.

E assim... no ano seguinte dei início a minha trajetória musical. Comecei a estudar violino e era interessado e aplicado. Três anos se passaram e o maestro Ernesto Straubach adoeceu e voltou para o Uruguai. Passei a estudar com os alunos mais adiantados, o que me fez perder o interesse. Nas horas de folga queria mesmo era brincar com meus amigos.

Perto da minha casa tinha outro juiz de direito, Dr. Ethereldes Queiroz do Valle que à noite tocava violino na janela de sua residência, na Rua Sete de Setembro. Eu passava horas admirando-o tocar violino elétrico, acoplado a uma caixa de som. Tinha como base o som que provinha da vitrola onde rodava um disco de vinil. Aquilo me parecia fantástico e me interessei em ver como funcionava.

Peguei todas as informações, comecei a treinar em casa e fui evoluindo. Mais tarde, em 1961, já adolescente, ganhei um amplificador e comecei a imitar outro violinista famoso, o Sr. Fafá Lemos.

Quando cursava o científico (atualmente ensino médio) no Colégio Americano, percebi que na minha turma havia 2 colegas que também gostavam de música e tocavam instrumentos. Um acordeon e o outro pistom. Resultado: fundamos um conjunto só de jovens que se chamou Gato Preto. Isso nos anos 1962/1963. Fomos apadrinhados pelo maestro Hélio Mendes e seu conjunto. Isso talvez porque Hélio Mendes era nosso vizinho e muitas vezes ia até nossa casa tirar músicas no piano da minha mãe.

Viramos músicos profissionais. Chegamos a abrir alguns bailes no Clube Álvares Cabral, tradicional clube do centro de Vitória. Tocávamos por uma hora, antes do baile mesmo começar e isso ajudava a fazer nosso marketing. Foi assim que fomos convidados a nos apresentar em bailes em São Mateus, em Campinho (Domingos Martins) e até mesmo no Clube Juparanã, em Linhares, sem contar os vários sábados dançantes no IBEU e outros locais de Vitória.



Em agosto de 1963 fui estudar nos Estados Unidos como intercambista. Vendi a minha parte no conjunto. Foi aí que meu contato com a Música começou a diminuir, pois ao retornar ao Brasil ingressei na Faculdade de Medicina. Fiquei um bom tempo longe dos instrumentos...

Em dezembro de 1970 me formei e casei com uma linharensense indo trabalhar em Linhares.

Iniciei no Hospital Municipal como médico plantonista e no Centro de Saúde como médico e diretor. Aprendi muito chefiando aquela unidade de saúde. Quase todos os funcionários contratados por concurso público eram jovens idealistas e, com certeza, realizamos um belo serviço para a comunidade.

Era uma unidade muito limpa e assim foi mantida pelos 7 anos que a dirigi. Acabamos com a fila para tirar ficha para consulta médica e o atendimento era rápido e eficiente. Tínhamos medicamentos e vacinas, sendo os estoques eram renovados sistematicamente. Conseguimos uma Rural Willis, nova, com tração nas 4 rodas, o que nos permitiu fazer muitas campanhas de vacinação, consultas médicas, extrações de dentes, exames parasitológicos pelo interior do município. Acompanhavam esta unidade móvel medicamentos que eram distribuídos à população.

Naquela época havia um programa do Governo Militar chamado INAM. Através dele distribuíamos alimentos para 6 mil beneficiários. Eram 40 toneladas de alimentos (leite em pó, açúcar, arroz, feijão, fubá) por mês. Para entrar no programa as crianças tinham que estar com o cartão de vacina em dia e o peso ponderal abaixo do normal.

Em 1977 fui eleito provedor da Fundação que geria o Hospital Municipal. Acumulei por um período as duas funções: de diretor do Centro de Saúde e de provedor do Hospital. Naquela época ainda existia rigidez e compromisso com o serviço público e muito apoio por parte do Governo às pessoas comprometidas que queriam trabalhar e servir a comunidade.

Mudou o Governador. Pedi demissão do Centro de Saúde.

Direcionei minha atenção mais para o Hospital e implementamos as reformas estruturais que se faziam necessárias: estatuto, mudança do nome de Hospital Municipal para Hospital Rio Doce, construção de duas caixas d'água gigantes num total de aproximadamente 70 mil litros de água, construção do necrotério, da lavanderia com água quente e da rouparia, da nova copa/cozinha, das instalações do pré-parto com 4 quartos e um total de 8 leitos, da sala de reunião, do apartamento para médicos plantonistas. Reformamos toda a instalação elétrica, hidráulica e de esgoto. Ganhamos uma câmara frigorífica do empresário Sr. Antenor Piana e um novo gerador elétrico da Família Sponfeldner. Começamos enfim a receber verbas vindas da antiga CEPLAC que passou a reconhecer o trabalho desenvolvido pela entidade. No seguimento, foi ampliado o centro cirúrgico, o tamanho das salas de cirurgias, a sala de esterilização, com aquisição de novos equipamentos médicos. Completados meus 2 períodos como provedor da Fundação Beneficente Rio Doce, retornei às minhas atividades médicas.

O Hospital Rio Doce seguiu seu destino buscando sempre se atualizar para dar a sociedade de Linhares e adjacências um serviço médico de ponta.

Nesse ponto, já estava sentindo falta da música. Fizemos uma parceria: José Elpídio Quitiba Bósio, Volney Liberato e eu. Com a ajuda da Sra. Nayade Fernandes Bósio, mãe de Zé Elpídio,



foi criada a Gruta (bar, restaurante, casa de shows ao vivo), com a finalidade também de ser um point musical. Agora não mais o violino, mas um novo instrumento coirmão, o bandolim, que havia ganho de Zé Elpídio. A Gruta ficou famosa: rolava som de alta qualidade e funcionava também como uma escola de música para aqueles que possuíam dom musical e não tinham um espaço apropriado em Linhares para se apresentarem. Surgiram vários talentos musicais: Manuel Canhoto, Braís Oss, Guto, Romário, Toninho, Helinho, Surú, meu filho Lofeguinho. Ali se aperfeiçoaram Dalcenir Porto, Claudio Lins e outros. Não consigo lembrar de todos, mas, foram muitos.

Com a morte de meu pai em março de 1993 decidi retornar a Vila Velha. Em 1995, nossa família se mudou e eu abracei uma carreira empresarial em meio expediente. Trabalhava como médico em Vila Velha no serviço público apenas pela manhã e continuava vindo a Linhares para dar plantão no Hospital Rio Doce. Entrava na segunda feira às 13:00. Nas demais tardes cuidava da minha nova empresa.

Na Grande Vitória conheci grandes músicos e nos reuníamos no meu apartamento na Praia da Costa nas famosas Quartas sem Lei. Ali tínhamos todos os instrumentos, de piano a cavaquinho. O melhor deles, entre os poucos que não eram médicos, destacava-se o maestro e multi-instrumentista Wilson Laerte de Oliveira, funcionário do Banco do Brasil que havia conhecido na agência de Linhares e, através da música, virou meu amigo pessoal.

O tempo foi passando e os amigos músicos passando para outro plano espiritual. Resolvi então voltar a tocar sozinho, usando áudio MP3 de gravações como acompanhamento. Desta forma, consigo escolher as melhores músicas e as melhores bandas para parceiros. Adquirit uma caixa de som Bose com bateria para 8 horas de duração após carregada.

Atualmente meu hobby é tocar bandolim em pracinhas, calçadões a beira mar, padarias, feiras de rua. É muito divertido e descompromissado! Toco onde e quando quero e sempre faço amigos. O mais importante é que estou feliz!

